

Espiritismo, ecologia e política: uma aproximação inicial

Sinuê Neckel Miguel¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v15i45.66774>

Resumo: O artigo examina historicamente o modo como questões ecológicas têm sido apresentadas e compreendidas na comunidade espírita. Destacamos a dimensão política do modo como a natureza e os problemas ambientais são concebidos, de onde a vinculação a temas como desenvolvimento sustentável, consumismo, desigualdades e exploração. Por meio da análise de artigos da revista *Reformador*, publicada pela Federação Espírita Brasileira (FEB) e de obras como *Espiritismo e desenvolvimento sustentável: caminhos para a sustentabilidade*, de Carlos Orlando Villarraga, publicada em 2012, e *Espiritismo e ecologia*, de André Trigueiro, já em sua quarta edição (2017), ambas publicadas pela editora da FEB, pretendemos uma aproximação inicial com a problemática apresentada. Uma conclusão importante é a identificação de uma tendência à redução da solução aos reconhecidamente graves problemas ecológicos à fórmula da educação que remete à reforma íntima.

Palavras-Chave: espiritismo; ecologia; política.

Spiritism, ecology and politics: an initial approach

Abstract: The article historically examines how ecological issues have been presented and understood in the Spiritist community. We highlight the political dimension of the way in which nature and environmental problems are conceived, hence the link to themes such as sustainable development, consumerism, inequalities and exploitation. Through the analysis of articles in the magazine *Reformador*, published by the Brazilian Spiritist Federation (FEB) and works such as *Espiritismo e desenvolvimento sustentável: caminhos para a sustentabilidade*, by

¹ Bacharel em História pela UFRGS, mestre em História pela UNICAMP e doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP. E-mail: sinueneo@gmail.com

Carlos Orlando Villarraga, published in 2012, and *Espiritismo e ecologia*, by André Trigueiro, already in its fourth edition (2017), both published by the FEB publishing house, we intend to provide an initial approximation with the presented problem. An important conclusion is the identification of a tendency to reduce the solution to admittedly serious ecological problems to the formula of education that refers to intimate reform.

Key-words: Spiritism; ecology; politics.

Espiritismo, ecología y política: una aproximación inicial

Resumen: El artículo examina históricamente cómo las cuestiones ecológicas han sido presentadas y comprendidas en la comunidad espírita. Destacamos la dimensión política de la forma en que se conciben la naturaleza y los problemas ambientales, de ahí la vinculación a temas como el desarrollo sostenible, el consumismo, las desigualdades y la explotación. A través del análisis de artículos de la revista Reformador, editada por la Federación Espírita Brasileña (FEB) y de obras como *Espiritismo e desenvolvimento sustentável: caminhos para a sustentabilidade*, de Carlos Orlando Villarraga, publicado en 2012, y *Espiritismo e ecologia*, de André Trigueiro, ya en su cuarta edición (2017), ambas publicadas por la editorial FEB, pretendemos brindar una primera aproximación al problema planteado. Una conclusión importante es la identificación de una tendencia a reducir la solución de problemas ecológicos reconocidamente graves a la fórmula de la educación que remite a la reforma íntima.

Palabras Clave: Espiritismo; ecología; política.

Recebido em 22/01/2023- Aprovado em 13/03/2023

Introdução

Hoje testemunhamos fortes reações ao que recentemente se convencionou chamar de antropoceno (BONNEUIL e FRESSOZ, 2016). Da filosofia de Hans Jonas à reconfiguração ecológica do projeto comunista, dos novíssimos movimentos do clima à *Laudato Si* católica; ou ainda, do sobrevivencialismo originado nos EUA à colapsologia francesa, o que se constata é um amplo e crescente esforço de responder à questão do que

fazer ante a capacidade atual de tornar a Terra cada vez mais hostil à vida tal como a conhecemos².

Com o avanço do debate ecológico e a proliferação de suas diversas expressões políticas³ desde pelo menos a segunda metade do século passado, as religiões têm sido provocadas a reagir sobre os problemas ambientais, tendo em vista sobretudo seu alcance crescente em termos de gravidade⁴. O elevado risco de um colapso ecológico global impõem à reflexão ética e religiosa um novo enquadramento: o ser humano tornou-se capaz de provocar a sexta extinção em massa das espécies que habitam o planeta Terra, inclusive a sua própria, no curso de uma escalada da catástrofe climática eventualmente incontrolável e irreversível.

Ocorre que, ao menos desde o influente artigo *The Historical Roots of Our Ecological Crisis*, de Lynn White Jr. (1967), se afirmou uma perspectiva crítica ao papel historicamente desempenhado pelo cristianismo na crise ambiental. O cristianismo teria contribuído para desenvolver uma atitude não ecológica no ocidente, devido a elementos como a dessacralização da natureza pela rejeição do paganismo, derivada de uma concepção radicalmente transcendente de Deus, ou pelo antropocentrismo que erige o ser humano em criatura privilegiada dentre as demais, as quais seriam relegadas ao papel de servir ao homem dominador. Outro aspecto de considerável impacto é a desvalorização do corpóreo ou do mundano em favor de uma vida futura exclusivamente espiritual. Assim, com uma escatologia que foca naquilo que está além da ordem natural, haveria, como contrapartida, um forte estímulo à indiferença com a vida material (PARTRIDGE, 2005, p. 51-54).

² A *Laudato Si* é uma encíclica de conteúdo ecológico do Papa Francisco que teve grande impacto mundial, para além da comunidade católica, desde a sua publicação em 2015. Já o sobrevivencialismo tem origem na Guerra Fria, tomando um novo fôlego com o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, com a crise financeira de 2008 e com o atual agravamento da crise ecológica. Orienta-se principalmente para a proteção de indivíduos e pequenos grupos com estratégias de sobrevivência para qualquer cenário de grande catástrofe, inclusive contando com treinamento para autodefesa armada. Quanto à colapsologia, trata-se da tentativa de uma elaboração científica que sintetiza prognósticos sobre penúria energética, escassez alimentar e crise climática, concluindo daí a inevitabilidade do colapso da “civilização termoindustrial”. A colapsologia foi notadamente popularizada a partir da publicação da obra *Comment tout peut s’effondrer*, de Pablo Servigne e Raphaël Stevens, que elaboram ainda uma reconstrução social de inspiração anarco-comunitarista.

³ Concepções e relações com a natureza estão intimamente ligadas às diversas correntes do pensamento político. Para uma abordagem de fôlego sobre o tema, ver CHARBONNIER, 2020.

⁴ Para uma análise abrangente da gravidade dos problemas ambientais, ver MARQUES, 2018.

Então, embora diversos esforços tenham sido empenhados na elaboração de expressões ecológicas do cristianismo, como é o caso mais notório e recente da *Laudato Si*, as críticas levantadas podem servir de referencial analítico para o exame do espiritismo no que se refere à sua relação com a natureza e os problemas ambientais.

Podemos encontrar n’*O livro dos espíritos* uma compreensão da natureza como criação de Deus, guardando uma identidade distinta, considerada enquanto matéria. Porém, o postulado de um princípio inteligente, o espírito, como sendo o animador e o ordenador da matéria, confere ao mundo material uma espécie de dignidade divina mais elevada. É verdade que frequentemente é expressa uma compreensão de superioridade do espiritual sobre o material, o que pode desembocar em indiferença com as “questões terrenas”. Outro ponto pertinente é que em Kardec temos uma definição não panteísta de Deus. Enquanto o romantismo tende para o imanentismo e, teologicamente, inclina-se para sua versão panteísta, identificando Deus e natureza, o espiritismo, de fundo iluminista, separa Deus e natureza. Por outro lado, vincula-os por meio de certos conceitos, tais como fluido cósmico universal e a noção deísta de leis universais, válidas para os universos material e moral⁵. Ademais, o evolucionismo espírita habilita uma noção de interdependência de todos os seres e escalas ou reinos da Criação Divina, embora identificando no ser humano a exclusividade da agência moral, dado o seu livre-arbítrio. Assim, como já concluiu André Eugênio da Silva em seu estudo sobre o discurso ambientalista espírita, esse pode ser enquadrado no chamado ambientalismo moral intramundano⁶ (SILVA, 2021, p. 377).

Vejamos, a seguir, como tais elementos doutrinários são efetivamente mobilizados nas considerações espíritas sobre questões ecológicas, prestando especial atenção às possibilidades de tensionamento com o discurso de neutralidade política tradicionalmente sustentado ao longo da história do movimento espírita brasileiro (MIGUEL, 2020; SIGNATES, 2019).

⁵ Imanência e transcendência são conceitos filosóficos que encontram também aplicação em contexto teológico. No caso do imanentismo, Deus, ou o divino, é pervasivo ao mundo material, enquanto na ideia de transcendência divina o divino está fora ou para além do mundo material.

⁶ Sobre os tipos ideais classificatórios dos ambientalismo, divididos entre ambientalismo esotérico, racionalista e moralista (intramundano e extramundano,) veja-se SANTOS, 2017, p. 35-45.

A introdução da temática ambiental

O capítulo “Perante a natureza”, da obra *Conduta Espírita*, atribuída ao espírito de André Luiz sob a psicografia de Francisco Cândido Xavier e publicada primeiramente em 1960, é possivelmente um dos primeiros textos de grande circulação a tratar da natureza em termos de cuidados ecológicos. O texto alinha uma postura de preservação e uso sustentável dos recursos da natureza, sublinhando seu caráter sagrado: “A Natureza consubstancia o santuário em que a sabedoria de Deus se torna visível”⁷. Entendendo a vida vegetal como “moldura protetora da vida humana”, aconselha cooperar “espontaneamente na ampliação de pomares, tanto quanto auxiliar a arborização e o reflorestamento” (XAVIER, 1960, p. 43). Vale sublinhar que se trata de um texto bastante citado entre aqueles espíritas que escreveram algo relativo ao tema ambiental.

Na década seguinte, é digno de registro o capítulo “Poluição e psicofera” da obra *Após a tempestade*, atribuída ao espírito de Joanna de Ângelis sob a psicografia de Divaldo Pereira Franco (FRANCO, 1974). O capítulo traça um panorama sombrio de destruição ambiental, fazendo eco aos piores prognósticos:

Os mais pessimistas (...) preveem a possível a destruição da vida vegetal, animal e hominal como efeito dos excessivos restos produzidos pelos engenhos de que o homem se utiliza, e logo o esmagarão após transformar a Terra num caos... (FRANCO, 1974).

O texto passa pela denúncia da ganância que impele ao desmatamento e à contaminação da agricultura por inseticidas, aponta para a geopolítica em torno do petróleo e destaca a crescente poluição atmosférica. Porém, apesar do quadro desolador, sua conclusão é tranquilizadora, afirmando que a “Terra sairá do caos que a absorve e voltará

⁷ A expressão “santuário” contribui para o reencantamento da natureza. Mas esse reencantamento pode assumir as mais diversas formas. Em “Ação dos Espíritos nos fenômenos da natureza”, Christiano Torchi disserta sobre a interferência de seres subumanos, ainda sem o pleno livre-arbítrio, nos mais diversos fenômenos da natureza, sob a coordenação de seres superiores, Espíritos que atuam como espécie de engenheiros do mundo espiritual, à serviço de Deus. Do ponto de vista da compreensão da natureza esse tipo de entendimento adiciona um elemento racionalizador ao seu reencantamento, o que vemos, por outros caminhos conceituais, também nos amálgamas entre ciência e espiritualidade em autores considerados *New Age*, como Fritjof Capra.

o ar puro, a água cristalina, a relva repousante, o trinar dos pássaros, o fulgor do sol e o faiscar das estrelas em nome do Pai Criador e de Jesus, o Salvador Perene de todos nós” (FRANCO, 1974).

Todavia, se tomarmos como índice sugestivo a revista *Reformador*, publicação oficial da Federação Espírita Brasileira (FEB), é somente na década de 1980 que os problemas ambientais e a ecologia começam a entrar no radar das preocupações dos espíritas, ainda que muito timidamente.

Em “A omissão dos bons”, Richard Simonetti chama atenção à indiferença da maioria para uma série de problemas, dentre os quais a devastação da natureza provocada por indústrias em sua “volúpia de ganhar dinheiro”, desprezando “elementares recursos de preservação do meio ambiente, por dispendiosos” (*Reformador*, novembro, 1981, p. 34).

Juvanir Borges de Souza, à época vice-presidente da FEB, em “A lei de destruição”, situa o problema ambiental em alguns marcos conceituais da doutrina espírita que serão recorrentemente utilizados entre os espíritas⁸. O articulista explica a necessidade

⁸ Christiano Torchi, articulista frequente do *Reformador*, escreveu interessantes artigos de enquadramento conceitual doutrinário da natureza. É o caso de “Lei de reprodução” (*Reformador*, setembro, 2010, p. 6-7) e “Lei de conservação” (*Reformador*, janeiro, 2011, p. 19-20). Em “Lei de reprodução”, Christiano Torchi explicita o deísmo espírita, no qual conjuga-se uma compreensão evolucionista da natureza a uma orientação inteligente divina, conferindo ao dinamismo da natureza um caráter teleológico. Nesse sentido, a evolução do ser humano, incluindo o progresso tecnológico, seria instrumento da providência divina: “(...) tudo se deve fazer para chegar à perfeição e o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir os seus propósitos”, pois, “sendo a perfeição o objetivo para o qual tende a Natureza, favorecer essa perfeição é corresponder aos desígnios de Deus” (*Reformador*, setembro, 2010, p. 7). Assim, interpreta-se positivamente o controle da natalidade pelos métodos anticoncepcionais desenvolvidos pela ciência, bem como as técnicas agrícolas que facultaram aumento da produtividade, de modo a contornar o colapso ecológico-social malthusiano. Em razão da capacidade científica e tecnológica conquistada, se “há miséria e agressões ao meio ambiente, elas se devem mais ao egoísmo humano do que ao crescimento populacional ou à falta de recursos financeiros e tecnológicos” (*Reformador*, setembro, 2010, p. 6). Já em “Lei de conservação”, Christiano Torchi situa os recursos para a conservação humana disponíveis na natureza, bem como o prazer encontrado na alimentação ou na reprodução sexual, nos parâmetros do necessário e do supérfluo ou do abusivo. O prazer é um estímulo à conservação, enquanto a dor encontrada pelo abuso é o regulador natural. Por isso, o progresso tecnológico, que cria necessidades, deve ser acompanhado de progresso ético, para encontrar o bom termo, o uso virtuoso dos recursos. É nesse sentido que o autor menciona: “Atualmente, ainda que de forma tímida, algumas lideranças mundiais vêm propondo ideias, a fim de substituir o modelo de desenvolvimento atual, que é altamente predatório e nocivo ao planeta, por outro que seja

de destruição como um imperativo de transformação na natureza, atrelado a outros aspectos da lei natural, como a lei de conservação, a lei de progresso, ou ainda a de justiça, amor e caridade⁹. Assim, na busca por conservação, o homem

tem papel preponderante diante dos demais seres vivos, ao dizimar, em larga escala, os demais seres da criação, seja buscando alimentar a crescente população humana, seja aproveitando os despojos animais e vegetais em inúmeras indústrias de transformação, que lhe proporcionam múltiplas utilidades. (Reformador, novembro, 1982, p. 7)

Este impulso para a conservação impõe, portanto, a “necessidade de criar e dizimar milhões de animais, em ciclos continuamente repetidos, para prover a sustentação das populações. De outro lado, as culturas de alimentos vegetais são cada vez mais vastas para atender a fome dos homens e dos animais” (Reformador, novembro, 1982, p. 7). Todavia, a necessidade de homens e animais buscarem nos outros seres vivos sua alimentação é considerada uma contingência reveladora do quão atrasado é o nosso mundo, devendo enfraquecer-se “à proporção que o Espírito for predominando sobre a matéria” (Reformador, novembro, 1982, p. 7).

A necessidade, podemos concluir, é o ponto de partida para a crítica ecológica espírita: sua extrapolação será sempre condenável. Seja “por ignorância, irresponsabilidade, incompreensão” ou “crueldade, o homem ultrapassa os limites impostos pela lei moral, incidindo em abusos condenáveis sob todos os pontos de vista” (Reformador, novembro, 1982, p. 7).

economicamente viável, socialmente justo e ecologicamente responsável (Reformador, janeiro, 2011, p. 19-20). Há, portanto, paralelismo moral e físico entre o uso do próprio corpo, em temas como sexualidade e alimentação, e o uso da natureza.

⁹ Em “Justiça humana e justiça divina” João Duarte de Castro situa a lei de destruição na “Lei de Causa e Efeito”: Quem semeia ventos, colhe tempestades. Os homens agredem a Natureza com poluição, desmatamentos indiscriminados, queimadas criminosas, explosões atômicas, desastres radiativos, desequilibrando e desafiando as leis naturais. Contudo, em obediência à Lei de Ação e Reação, recebe em troca portentosas enchentes e secas arrasadoras, catástrofes, abalos sísmicos, tempestades e ciclones, convulsões da Natureza traduzidas por incontroláveis fenômenos que reduzem ou elevam a temperatura do meio ambiente a níveis aniquilantes (Reformador, agosto, 1989, p. 30).

É nesse escopo interpretativo que se reconhece a ambivalência do progresso tecnológico e do desenvolvimento material¹⁰, visando de um lado “a produção de bens úteis e necessários” e “a criação de trabalho e emprego”, mas por outro descuidando “de defender a qualidade da vida no Planeta, relegando a segundo plano o equilíbrio e a defesa do meio ambiente, sem o qual poderão ficar comprometidos a saúde, o bem-estar e a vida de todos” (Reformador, novembro, 1982, p. 8). Com isso, Juvanir Borges arrola o crescimento demográfico em progressão geométrica e a “enorme proliferação dos estabelecimentos fabris, sem os necessários cuidados capazes de evitar a poluição”, como os causadores da “destruição da vida animal nos rios, lagos e mares, com o contínuo lançamento de dejetos e resíduos industriais nas águas, ao mesmo tempo que fábricas e máquinas de toda espécie contribuem para poluir a atmosfera”, sem deixar de mencionar a “destruição contínua das florestas e de muitas espécies animais” (Reformador, novembro, 1982, p. 8).

Finalmente, o combate aos abusos da ordem natural encerra-se na fórmula da educação, “especialmente a de ordem moral, dando aos indivíduos noção de sua responsabilidade perante as leis divinas” (Reformador, novembro, 1982, p. 7). É, enfim, pela “melhor compreensão e solidariedade humanas, através da prática do amor e da caridade, recalcando o egoísmo”, que os abusos cessarão e a tecnologia e as ciências serão mobilizadas para as soluções dos desafios ambientais (Reformador, novembro, 1982, p. 8).

¹⁰ A ambivalência do progresso é um tema importante que remete à relação entre natureza e política. Para Pierre Charbonnier, a promessa da conquista da abundância, pelo progresso produtivo e tecnológico, e sua vinculação à liberdade, ou, mais especificamente, à emancipação humana do trabalho como imposição para a sobrevivência, engendrou, paradoxalmente, uma sociedade devotada à conquista da abundância, o que traz a natureza para o centro do debate político. Nos termos de Charbonnier: “longe de tornar possível a liberação do tempo e o desaparecimento da economia, ela [a abundância] exige de nós disposições para o trabalho, para a disciplina, para a aceitação de um controle racionalizado de nossos desejos e de nossos dispêndios, sem os quais a acumulação contínua e durável de riquezas seria impossível. A abundância, assim retratada, é menos uma etapa em direção à emancipação relativa à economia, que a penetração da economia no conjunto das esperas de nossa existência, a dominação de nosso sistema de valores pelo motivo do lucro” (CHARBONNIER, 2020, p. 43). A abundância como pressuposição da liberdade, politicamente traduzida como autonomia, capacidade de auto instituição, é também um atrativo central da busca por autonomia, desde o grande impulso iluminista do século XVIII até a afirmação revolucionária das repúblicas burguesas daí em diante, mas também desde as aspirações e revoluções socialistas até as lutas anticoloniais por independência. Trata-se, então, de um imenso desafio político a reconfiguração ecológica dos movimentos que reivindicam a emancipação ou, simplesmente, a liberdade.

No texto “Por uma ecologia da alma”, Tânia de Souza Lopes parte do tema da ecologia, já popularizado na década de 1980, para retornar ao tema da reforma íntima. Ou seja, ao invés de se deter no problema da ecologia, este serve apenas de roupagem nova, até mesmo metafórica, para tema tradicional do espiritismo brasileiro. Assim, argumenta:

Em sua ânsia de equilíbrio ecológico o homem apregoa o retorno ao convívio com a Natureza – alimentação natural, cosmética natural, homeopatia e técnicas orientais com base no magnetismo para tratamento dos males do corpo, etc. Busca ele a convivência mais estreita com os reinos da Natureza, procura viver o verde, esquecendo-se todavia do fato banal de que, onde estiver, o que ingerir (remédio ou alimento) refletirá não só o padrão vibratório que lhe vai n alma como será por este influenciado. (Reformador, agosto, 1983, p. 15)

Ao final, conclui:

É justamente neste ponto que a reformulação interior do indivíduo à luz do Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo vem em auxílio da máquina fisiológica humana: purificar a alma, higienizando-a, reeducando-a sobre as bases da moral cristã para que este padrão de harmonia se estabeleça de dentro para fora. (Reformador, agosto, 1983, p. 16)

Esse mote pode ser frequentemente encontrado em palestras, como na palestra intitulada “Educação e Ecologia”, de Evelyn Freire, realizada na Federação Espírita Amazonense, registrada no YouTube (05/06/2019).

Expectativa profética: transição planetária, crise ambiental e ecologia

Outra forma de abordar a questão ecológica é no âmbito das expectativas proféticas da chegada do chamado “Mundo de Regeneração”, um estágio evolutivo mais avançado

ao qual o Planeta Terra estaria em vias de alcançar, não sem necessárias tribulações¹¹. Em “Revelações confirmadas”, Hernani T. Sant’Anna reproduz reportagem subintitulada “Terra em mutação expulsa os inadaptados”, de Jorge Luiz Calife, publicada no *Jornal do Brasil*, sobre a hipótese de Gaia e a consideração de que os seres humanos seriam uma possível ameaça ao Planeta, devendo ser expulsos por transformações deste, dando enfim lugar a novas formas de vida, totalmente revolucionárias. Tal consideração viria a confirmar, na visão do articulista, a chegada da “grande transformação evolutiva de nosso Orbe”, anunciada pela Doutrina Espírita, “com base nos ensinamentos de Jesus e nas lições dos nossos lumináres espirituais”. Trata-se da ideia da transição para um novo estágio evolutivo em que

os “inadaptados” que não poderão manter-se neste mundo são apenas os decididamente refratários às leis do amor, e que as novas formas de vida são as que resultarão dos processos evolutivos naturais, que farão mais saudáveis, mais poderosos e mais belos os seres humanos do futuro, merecedores de viver num planeta redimido e feliz, de natureza mais aprimorada, menos densa e mais acolhedora. (Reformador, fevereiro, 1989, p. 25-26)

A “devastação do meio ambiente” junta-se ao rol de outros problemas de destaque no final da década de 1980, como o “crescente avanço da militarização”, “as economias predatórias, os regimes violentos e desumanos, o terrorismo, o fanatismo de qualquer espécie”¹² (Reformador, setembro, 1989, p. 31). Do mesmo modo, a ecologia aparece

¹¹ Sobre as expectativas proféticas no espiritismo, ver MIGUEL, 2022.

¹² Em outra publicação (“Os problemas da humanidade na visão espírita”, de Sílvia Chibeni), semelhante rol de problemas é expresso: “o recrudescimento da miséria, da falta de instrução, das enfermidades, da corrupção, do abuso do poder e do dinheiro, da violência, da degradação ambiental, da subjugação econômica de nações e classes sociais, das guerras dos conflitos familiares, do uso de tóxicos, do aviltamento das artes”. Ao que se contrasta o progresso nas legislações e instituições, incluindo “organismos internacionais de defesa da paz, dos direitos humanos, do meio ambiente, de assistência e orientação, de incentivo à Ciência e à Arte, de que são exemplos notáveis a Organização das Nações Unidas, a Anistia Internacional, a Cruz Vermelha, a Oxfam, a Greenpeace” (Reformador, setembro, 1990, p. 20).

como uma expressão do progresso moral da humanidade, ensejando otimismo no final do século. É assim que o articulista João Luiz Garrucino destaca o que via como um anseio por mudanças no sentido da liberdade, da justiça da igualdade e da fraternidade, impulsionando uma elevação do nível de consciência moral e conduzindo a “avanços dos movimentos pela paz, o desarmamento e a ecologia no Mundo, afora as crescentes preocupações com os rumos do Terceiro Mundo” (Reformador, setembro, 1989, p. 31).

No rol dos problemas do final do milênio, a crise ambiental é frequentemente destacada para caracterizar o “fim dos tempos”, a “transição planetária” que, numa ótica espírita, teria de ser lida em termos positivos, como uma crise que antecede e preparara a renovação necessária. Um exemplo é o texto “Ainda os sinais dos tempos”, de Geraldo Goulart, no qual sublinha:

É evidente que a intemperança do homem vem, já há algum tempo, causando sérios e sensíveis distúrbios ao Planeta. Não é novidade. A Ciência terrena alerta-nos sobre o escasseamento crescente de alimentos, de água, da deterioração do meio ambiente e do oxigênio, há duas décadas, no mínimo. (Reformador, setembro, 1996, p. 16)

Mas mesmo a dor é oportunidade de superação e renovação:

Se tivermos que passar por dores, flagelações e ranger de dentes, ávidos da satisfação vislumbrada após superados tantos transe, que venha a renovação para a Terra. Será mais uma oportunidade para que nos vençamos a nós mesmos, abraçando, intemoratos, a nova e abençoada tarefa. (Reformador, setembro, 1996, p. 17)

A mesma temática encontra-se em “O mundo em que vivemos”, de Dalva Silva Souza. (Reformador, março, 1997, p. 20-21). Para a autora, embora não se possa “desconsiderar os perigos reais que nos cercam: desastres nucleares, o buraco na camada de ozônio, a quebra da cadeia biológica pela extinção de muitas espécies”, a possibilidade de se atingir “um ponto de ameaça à sobrevivência do homem na Terra” se “a velocidade da destruição

da natureza não se inverter”, a ótica da revelação espírita nos dá motivos para “desafiar o pessimismo que prevalece atualmente”. Momentos de transição evolutiva comportam abalos, quando o novo se confronta com aquilo está a ser ultrapassado¹³. Então, ao lado dos problemas descritos,

Surgem evidências da emersão de novos potenciais bem nomeio da destruição e da decadência: a descoberta de fontes alternativas de energia menos danosa ao meio ambiente; o estabelecimento de novas relações geopolíticas; a expansão dos meios de comunicação; a instalação de novos métodos de manufatura, com máquinas realizando o trabalho mecânico e alienante; a estruturação de novas formas de relacionamento familiar, novas ideias, novas classificações, novos conceitos. (Reformador, março, 1997, p. 20)

No artigo “Mundo de regeneração”, de Gustavo Fróes, o “despertamento, recente, da consciência ecológica” é visto como “sinal da chegada de Espíritos de escol entre nós, preparando o início da grande tarefa regenerativa” (Reformador, novembro, 1999, p. 14). Assim, o mundo de regeneração é visto como lugar de trabalho para aqueles que, “embora fracos e imperfeitos, se decidam a empunhar a bandeira do progresso e da determinação no Bem”, como no que se refere à “situação física do Planeta, onde as condições de habitabilidade foram aviltadas pelo homem no afã egoístico da posse e do enriquecimento a todo o custo, primando pela irresponsabilidade com o meio ambiente” (Reformador, novembro, 1999, p. 15). Novamente, vemos como a temática ambiental é incorporada como parte central da descrição do momento pelo qual passa a humanidade e o Planeta:

O buraco na camada de ozônio, a chuva ácida no continente europeu, a devastação das florestas, as queimadas irresponsáveis, a poluição descontrolada, principalmente de rios e lagoas, são situações alarmantes de difícil recuperação que só poderão ser enfrentadas por Espíritos

¹³ Outro artigo que mostra raciocínio semelhante é “Natureza e equilíbrio vital”, de Licurgo Soares de Lacerda Filho (Reformador, julho, 2006, p. 17-18).

fortes e determinados, forjados nas oficinas do Bem e preparados à luz do esclarecimento haurido nas práticas contínuas do Evangelho, submissos a Jesus, o grande construtor do orbe terrestre e seu governador espiritual. (Reformador, novembro, 1999, p. 15)

Um elemento interessante a ser pensado é o do reencantamento da natureza pela via da expectativa profética de uma nova era, no caso espírita, o advento do mundo de regeneração. Christopher Partridge, entre outros autores, sustenta que o desencantamento da natureza, tornado possível pelos monoteísmos e efetivado pelos processos de afirmação da ciência e da tecnologia como vetores centrais da modernidade, acomodou o sagrado no reverso do profano, fora do mundo (PARTRIDGE, 2005, p. 43-47). Então, a natureza pode ser reduzida a puro objeto de exploração, enquanto a dimensão sagrada da existência foi remetida a um deus totalmente transcendente. Já a política é afirmada modernamente como exclusivamente profana, devendo por isso mesmo ser afastada da religião, sob pena de contaminá-la.

Com isso, podemos pensar que a ressignificação da natureza como sagrada, num contexto de grandes transformações envolvendo a crise ecológica, autoriza ou ao menos abre caminho para que o sagrado se espalhe para além das fronteiras modernas da religião, incluindo a própria política, que deve assim ser reabsorvida. A crise ambiental é entendida como crise moral e espiritual, e a política como arena mundana figura como um obstáculo que deve submergir à ressacralização do mundo sob a égide de uma grande renovação espiritual. Ou seja, a religião – renovada como ecoespiritualidade – passa a voltar-se à reconquista do terreno político perdido¹⁴. Porém, como já apontamos em estudo anterior,

¹⁴ A orientação política dessa reconquista, porém, não está dada de antemão. Existem diversas formas possíveis de uma espécie de “decaimento conservador” das ecoespiritualidades. Luiz Signates, por exemplo, conclui pela assertiva de que as espiritualidades ecológicas produzidas pelas “religiões do self”, por seu individualismo e segregacionismo, encerram-se frequentemente em conservadorismo político: “Ao não converterem os sonhos ecológicos em programas políticos, em que a solidariedade seja pensada como cidadania, tais comunidades, não raro formadas por famílias de classe média e alta, decaem na ideologia conservadora de seus nichos socioeconômicos. As espiritualidades ecológicas são politicamente conservadoras e espiritualmente individualistas” (SIGNATES, 2020, p. 74). Além disso, a concepção romântica da natureza, como éden para o qual devemos retornar a fim de recuperarmos a paz e a harmonia perdidas na civilização moderna, “não raro termina por coincidir, contraditoriamente, com um esquecimento do homem, em sua condição social, como parte do

diante da excitação apocalíptica e de seus potenciais efeitos politicamente disruptivos e até revolucionários, a solução comumente adotada no espiritismo para se manter o devido controle, com a interdição à arena política, tem sido a constante insistência no papel exclusivamente “espiritual”, educativo e reformista do espiritismo para a promoção do mundo de regeneração (MIGUEL, 2022, p. 190).

Diagnóstico grave x solução genérica

Conquanto possamos notar uma avaliação bem arrazoadada da gravidade da crise ambiental em muitas análises, com boa dose de informação, há um contraste patente com o caráter genérico da solução normalmente apontada, que pode ser considerada evasiva e por isso sem efetividade.

No artigo “A questão da ecologia”, assinado por Lydienio Barreto de Menezes (Reformador, junho, 1992, p. 28-29), encontramos uma estrutura argumentativa bastante utilizada para tratar de problemas que tenham uma evidente dimensão social: identifica-se o egoísmo como sendo a raiz dos problemas e argumenta-se em favor da educação como a solução mais adequada, reduzindo a própria educação à fórmula da reforma íntima. A autoridade de Kardec é assim mobilizada: “Mas o Mestre lionês não ficou apenas, como a maioria dos homens da atualidade, no levantamento dos problemas. Ele localizou as causas e buscou a solução – A EDUCAÇÃO” (Reformador, junho, 1992, p. 29). Ou seja, opera-se por um processo de redução da complexidade dos problemas, abstraindo-se de todas as suas especificidades, de tal forma que a sua discussão efetiva se torna impossível:

Enquanto o ser humano não se modificar, isto é, não criar hábitos de respeito a tudo o que é respeitável, ele continuará devastando o meio ambiente e poluindo a natureza de todas as formas, pois é a sua psicosfera que continua altamente poluída pelo orgulho e egoísmo, e só uma educação de

desastre ecológico, o que torna tais religiosidades em espécies de bolhas ecológicas em busca de auto sustentação, com pouca ou nenhuma comunicação com as forças do mundo” (SIGNATES, 2020, p. 74). Noutra ponta, para Signates, ao operar um amalgame entre as preocupações ecológicas e a teologia da libertação, a ecologia profunda de Leonardo Boff seria um exemplo de politização da ecologia (e da espiritualidade) capaz de avançar criticamente sobre as contradições do capitalismo (SIGNATES, 2020, p. 74-75).

profundidade será capaz de reverter este quadro.
(Reformador, junho, 1992, p. 29)

Os problemas ambientais, em suma, acabam por ser explicados pela sucinta constatação do egoísmo do homem (genérico). Toda a dimensão política é assim elidida, restando o enfoque nos hábitos individuais:

Esta mentalidade ecológica, criando hábitos de respeito à natureza como um todo, em cada criatura, principalmente nas crianças, é que poderá salvar o nosso planeta, cabendo aos espíritas uma grande parcela nesta tarefa, pois, sabedores de que somos co-autores na obra da Criação, é nosso trabalho modificar o ambiente sempre para melhor, para que sejamos os herdeiros da Terra. (Reformador, junho, 1992, p. 29)

Se até então o tema ambiental estava raramente presente nas considerações espíritas, a situação parece mudar com a realização da II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como Rio 92 ou Eco-92, quando o ambientalismo no cenário brasileiro foi fortemente alavancado, inclusive no âmbito religioso¹⁵. Por ocasião da Rio 92, a FEB e a União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ) se fizeram presentes durante a Vigília das Religiões. Na ocasião, em reunião específica dos espíritas, Juvanir Borges de Souza, então presidente da FEB, leu uma mensagem intitulada “Tempo de retificação”, publicada no *Reformador* (agosto, 1992, p. 35). Na mensagem, Juvanir Borges afirma que a causa ecológica “não deve ser encarada isoladamente, mas no contexto de um problema global”, isto é:

A ignorância, o egoísmo, a ambição desenfreada, a indiferença, o desconhecimento de si mesmo e das leis que regem a vida, não somente a vida biológica, mas também, e sobretudo, a vida espiritual, levaram o homem a

¹⁵ Na Igreja Católica, o tema da ecologia que havia sido agitado no final da década de 1970, com a influência de José Lutzenberger sobre o cardeal Paulo Evaristo Arns e com as elaborações teológicas de Leonardo Boff, é revivido com o impulso da Rio 92 (SANTOS, 2020, p. 83-85).

comprometer o próprio progresso material alcançado na civilização atual. (Reformador, agosto, 1992, p. 35)

Luiz Signates, em “Ecos espirituais da Eco-92”, disserta sobre esse evento, marco da história do ambientalismo, focalizando aspectos caros ao espiritismo, como evolução, progresso e responsabilidade. Afirmar que o “preço da evolução é a responsabilidade” e que a própria noção de progresso passa por importantes mudanças, sintetizadas no conceito de desenvolvimento sustentável, o que prepararia “o mundo para compreender, no futuro, o progresso como sinônimo de realização espiritual e felicidade interior” (Reformador, outubro, 1992, p. 18). Pelo imperativo da sobrevivência, a solidariedade, a fraternidade, a vitória sobre o individualismo se apresentariam como alternativas inadiáveis, sinalizadas por lideranças mundiais, por organizações não-governamentais e pelo avanço da ONU como corpo político para uma governança global. Apesar da constatação de que “ainda são o dinheiro e os interesses materiais as molas propulsoras das negociações e dos debates internacionais”, a própria Eco-92 seria reveladora de um grande passo: a “descoberta do meio ambiente como sendo tema fundamental para a vida, e não sonho maluco de ecologistas fanáticos” (Reformador, outubro, 1992, p. 18). A confiança no progresso espiritual da Terra, rumo ao mundo de regeneração, é afirmada por meio da conexão dinâmica entre o espiritual e o material, entendendo que “o desequilíbrio espiritual é o artífice das crises materiais, que, por sua vez, impulsionam as criaturas ao redirecionamento, pela força educativa dos sofrimentos” (Reformador, outubro, 1992, p. 18).

Essa conexão entre a crise ambiental e alguma concepção de crise espiritual é frequentemente central para a reflexão das religiões sobre o tema da ecologia, como se viu no desenvolvimento teológico da Igreja Católica desde o Concílio Vaticano II até a *Laudato Si* do Papa Francisco. A caracterização dessa crise espiritual pode comportar elementos críticos e progressistas com relação à sociedade capitalista, mas também pode carregar alguma forma de conservadorismo¹⁶. No caso espírita, mais recentemente, no contexto brasileiro de emergência de um neofascismo, encontramos uma forte dose de conservadorismo em narrativas da “transição planetária”, encarando cataclismas como dispositivos de uma espécie de “faxina moral” necessária para limpar a corrupção política, a perversão intelectual e a promiscuidade das massas. Um exemplo bem-acabado é a obra

¹⁶ Para uma análise que enquadra como moralmente conservadora a ecologia católica oficial ver SANTOS, 2017.

No rumo do mundo de regeneração, do médium Divaldo Franco, assinada pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda, a qual analisamos em estudo recente (MIGUEL, 2022).

É interessante notarmos que mesmo após a Rio 92, com a politização da questão ambiental imprimida na Agenda 21, a ótica espírita para o problema continua, em regra, restrita à educação e ao escopo individual. Logo após a realização do evento, Juvanir Borges de Souza, então presidente da FEB, repete este padrão. O egoísmo, apresentado de modo a-histórico, abstrato e individual, é fundamento do mal:

Não deixam de ser uma forma de egoísmo as devastações e as poluições provocadas pelo homem em seu proveito imediato, sem medir as consequências de seus atos com relação aos seus semelhantes, com reflexos nas gerações futuras.” (Reformador, agosto, 1992, p. 9)

E, para além da defesa de “campanhas de educação das populações para a proteção do meio ambiente”, com a pretensão de conferir maior profundidade ao tratamento do problema ambiental a educação e a própria poluição são remetidas a um âmbito espiritual, para além do material:

Ao lado dos cuidados com o meio ambiente material, não podemos descurar do que podemos denominar de poluição mental da nossa Casa Planetária. Esse é um problema talvez mais sério, que independe da solução do primeiro, porque se prende à condição espiritual inferior de cada criatura, encarnada ou desencarnada, ligada ao nosso Orbe.

A solução desse problema - a educação e reeducação dos habitantes da Terra, nos dois planos – está na planificação multimilenar traçada pelo Cristo de Deus, conhecida pelos homens através de sua Mensagem, desdobrada no Consolar Prometido. (Reformador, agosto, 1992, p. 9)

No já referido artigo “O mundo em que vivemos”, de Dalva Silva Souza, encontramos mais um exemplar da perspectiva amplamente dominante acerca do papel do

espírita e do espiritismo diante de seja qual for o problema: trata-se da contribuição para a educação dos indivíduos. Com o conhecimento espírita, se dá “o desenvolvimento de uma nova forma de entender a vida” da qual decorre “uma nova maneira de estar no mundo”. Então, o “progresso do conjunto resultará do crescimento de cada um”. Por isso, se “queremos atuar verdadeiramente, auxiliando o advento do Mundo de Regeneração, trabalheemos pela divulgação das ideias espíritas”. Educando-nos “pelo esforço do autoconhecimento e pelo desenvolvimento de um projeto consistente de reformulação interior”, “tudo isso irá refletir-se benéficamente no conjunto em que estamos inseridos, melhorando as relações dentro da família e da coletividade” (Reformador, março, 1997, p. 21).

Esse raciocínio esvazia a possibilidade de desenvolvimento, nas instituições e comunidades espíritas, de debate e elaboração de ações no âmbito de problemáticas específicas, como é o caso da crise ambiental. Quando o papel do espiritismo se reduz à transmissão de sua doutrina, encarada como um compêndio de conhecimento acabado, para os seus adeptos encetarem sua reforma íntima, não há espaço para ação social para além dos moldes historicamente legitimados em torno da ideia de caridade.

Em 2000, na ONU, a FEB participou da Conferência pela Paz Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais, onde cada liderança deveria apresentar propostas específicas acerca de temas pré-estabelecidos, como a preservação da paz, o combate à violência, o combate à pobreza e a preservação e melhoria do meio ambiente. No documento produzido pela FEB, representada pelo seu presidente Juvanir Borges de Souza, constatou-se que a “cultura dos povos em geral, a não ser nas últimas décadas do século atual, não deu maior importância à destruição das florestas, à poluição dos rios, lagos e da atmosfera, para não se falar no lixo atômico comprometendo os oceanos”. É sublinhado que o problema “torna-se mais grave com o aumento contínuo da população mundial e com a ignorância generalizada do grande problema” (Reformador, setembro, 2000, p. 7).

Aqui, devemos notar que em termos de diagnóstico está ausente toda a dimensão econômica do problema ambiental: não se fala em produção, indústria, consumo, sistema de produção agrícola, desigualdade econômica, motivação do lucro etc. O agravamento do problema é remetido ao aumento populacional, o que oblitera principalmente a desigualdade de responsabilidade na produção dos problemas ambientais, e a uma questão de conhecimento – “a ignorância generalizada do grande problema”. Assim, a solução propositiva indicada fica assim resumida: a “ação educativa que deverá ser permanente, em

toda parte, deverá conjugar-se à ação preventiva e coercitiva de todos os governos, que precisam unir-se em convênios e tratados em favor de todos” (Reformador, setembro, 2000, p. 7).

Na reunião do Conselho Federativo Nacional realizada em novembro de 2000, relatou-se a participação da FEB nesse evento internacional e destacou-se que foi enfatizado que “a grande solução para todos os problemas do mundo se encontra na educação” (Reformador, junho, 2001, p. 31)¹⁷. O mesmo é reafirmado inúmeras vezes, como no texto “Educação”, assinado por Juvanir Borges de Souza, onde afirma que as diversas soluções tentadas para os problemas das guerras, da miséria e da pobreza e da degeneração do meio ambiente têm fracassado. Assim, a imposição de normas, a criação de leis, os mais diversos regimes políticos e sociais não resolveram os grandes problemas que permanecem no início do terceiro milênio da Era Cristã. Para o presidente da FEB, “para iniciar a era regeneradora da Humanidade, há a necessidade de implantar-se a educação integral de cada indivíduo” (Reformador, outubro, 2003, p. 5). Essa educação integral é normalmente entendida como uma educação moral cristã somada à educação intelectual, exatamente o que o espiritismo estaria em condições de oferecer¹⁸.

Os textos da articulista Marta Antunes Moura, bastante presente nas páginas do *Reformador*, constituem um exemplo importante da força da limitação auto imposta pelas coordenadas conceituais do paradigma dominante da neutralidade política espírita. Isso porque seus textos primam pela profundidade e robustez científica do diagnóstico apresentado sobre as problemáticas discutidas, inclusive a ambiental e, ainda assim, não apresentam propostas à altura do diagnóstico¹⁹. Senão vejamos.

¹⁷ Vale notar que o documento resultante dessa Conferência, assinado por todos os representantes religiosos presentes, é mais específico nas suas proposições assumidas como compromissos, inclusive no aspecto ambiental: “7. Educar nossas comunidades sobre a necessidade urgente de cuidar-se do sistema ecológico da Terra e de todas as formas de vida, e apoiar esforços para que a proteção e a restauração ambiental sejam parte integrante de todos os planos e iniciativas voltadas ao desenvolvimento; 8. Desenvolver e promover uma campanha de reflorestamento global, como meio concreto e prático de restauração ambiental, conclamando outros a se unirem a nós nos programas regionais de plantio de árvores” (Reformador, outubro, 2000, p. 27). Não tivemos notícias de campanhas nesse sentido implementadas pela FEB.

¹⁸ Para citar mais um exemplo, veja-se o texto “Educação Espírita: um tesouro a descobrir”, de Adilton Pugliese (Reformador, setembro, 2006, p. 17-19).

¹⁹ Por falta de espaço, não poderemos tratar aqui de todos os textos analisados. Então, limitamo-nos a citá-los com breves considerações. Em “A busca da felicidade” a autora apresenta um panorama

No texto “O impacto das alterações climáticas”, há considerável riqueza de informação sobre o problema abordado²⁰, contrastando, por outro lado, com o caráter genérico e sucinto da solução apresentada (Reformador, fevereiro, 2013, p. 25-27). O diagnóstico avança consideravelmente, trazendo aspectos sociais, políticos e econômicos:

A situação se revela complexa porque algumas lideranças mundiais não admitem a possibilidade de diminuir a produção industrial e o consumo de combustíveis poluidores, fundamentando-se nos falsos valores da ambição desenfreada, do apego ao lucro e aos prazeres da vida material, visualizando o aqui e o agora. Tal comportamento demonstra que a destruição abusiva assinala o estado de ignorância, intelectual e moral, do ser humano. (Reformador, fevereiro, 2013, p. 26)

A conclusão, todavia, alusiva ao “estado de ignorância, intelectual e moral, do ser humano”, confirma a nossa análise, pois funciona como dispositivo discursivo que, por sua própria amplitude, é capaz de encerrar a discussão que principiava a descortinar uma complexa problemática política, econômica e social. Enfim, reforçada por citações de

da situação socioambiental atual, caracterizada como “uma encruzilhada ascensional sem precedentes”. Embora muitos problemas socioambientais tenham sido arrolados, não se desenvolve, a partir daí, uma análise de suas causas e das possíveis vias de resolução. O texto passa a tratar da insuficiência da evolução intelectual e da necessidade de evolução moral para que se atinja a felicidade (Reformador, outubro, 2012, p. 24). Veja-se também “Inovações tecnológicas de tecidos para vestuários” (Reformador, setembro, 2016, p. 36-37) e “Sinais dos tempos: nanociência e nanotecnologia” (Reformador, outubro, 2016, p. 35), onde o senso de urgência não impede uma boa dose de otimismo tecnológico. Finalmente, no texto “Saúde mental” (Reformador, julho, 2017, p. 32-34), apesar de citações que apontam para problemas sociais, econômicos e políticos, não se segue daí uma orientação mais práticas e politicamente orientada, retornando-se, ao final do texto, para o tópico da educação.

²⁰ Se lê, por exemplo: “As ações humanas são as causas que mais contribuem para as mudanças climáticas e, de acordo com a comunidade científica mundial, refletem uma situação crítica, muito grave, projetada para um futuro próximo, no qual a Humanidade estará inserida em um ‘cenário de clima mais extremo, com secas, inundações e ondas de calor frequentes. A elevação na temperatura aumenta a capacidade do ar em reter vapor d’água e, consequentemente, há maior demanda hídrica” (Reformador, fevereiro, 2013, p. 25).

apelos de Emmanuel à cooperação, à união e à vivência “no mundo”, o artigo termina com uma exortação moral genérica: “Conscientes da gravidade do assunto, não podemos esquecer que cada um de nós, na categoria de cidadãos da Comunidade Terra, tem o dever moral de fazer algo de bom e de útil pela nossa moradia planetária” (Reformador, fevereiro, 2013, p. 27).

Essa discrepância entre diagnóstico e solução pode ser interpretada como resultante, primeiramente, da escassez de discussão sobre o problema (foi o único texto que encontramos no *Reformador* especificamente voltado para o problema climático), de modo que uma discussão mais detalhada a seu respeito seja um primeiro degrau a ser bem estabelecido para posterior avanço na elaboração de recomendações práticas. Também podemos discutir os limites da compreensão do próprio problema climático, em termos da sua profunda conexão com o capitalismo (MARQUES, 2018) e, daí, a dificuldade em se chegar a soluções mais radicais, ou seja, que se aproximem da raiz do problema.

Adicionalmente, destacamos ainda um elemento mais geral: a cosmovisão espírita, assente no progresso moral e intelectual, predispõe os espíritas a um “olhar otimista” para a realidade. Nesse sentido, a articulista pontua: “Não devemos, todavia, perder a esperança, aconselham os Espíritos orientadores, pois o progresso acontece, cedo ou tarde”, com o que se seguem menções “a ocorrência de movimentos renovadores e sérios na maioria das nações” (Reformador, fevereiro, 2013, p. 26). E, finalmente, devemos insistir nos limites auto impostos pelo paradigma da neutralidade política do espiritismo, de onde se produz, em regra, um esvaziamento do potencial crítico da doutrina espírita.

Ecologia no centro

André Eugênio da Silva considera pioneira a atuação de Carlos Orlando Villarraga para o movimento espírita, onde teria dado início à difusão do discurso ambientalista espírita com a palestra “Educação espírita e o desenvolvimento sustentável”, por ocasião do VII Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, realizado em Cajamar-SP, em outubro de 2001.

Na obra *Espiritismo e desenvolvimento sustentável: caminhos para a sustentabilidade*, Villarraga faz a crítica do “modelo atual de desenvolvimento” pelo viés da linearidade da economia do descarte e do desperdício, com a crença no crescimento ilimitado e seu impulso para o consumismo, extrapolando assim os limites da biocapacidade do Planeta (VILLARRAGA, 2013, p. 23-29). Apresenta uma série de indicadores sociais e ambientais

para constatar a “condição alarmante” do nosso meio ambiente físico e social, já que “nosso modelo econômico está avassalando os sistemas naturais da Terra” como um “câncer em expansão” (VILLARRAGA, 2013, p. 31-41). Como preâmbulo necessário à apresentação de um modelo de desenvolvimento sustentável o autor procura refletir sobre as necessidades humanas, partindo d’*O livro dos espíritos*, passando pela pirâmide de Maslow e chegando a refinamentos, como o modelo de Manfred Max-Neef (VILLARRAGA, 2013, p. 43-63). Necessidades intangíveis ou espirituais, como afeto, criação, solidariedade e significado, quando não atendidas adequadamente, impelem os seres humanos ao consumismo, o que é disfuncional e frustrante. É por esse viés que encontramos o máximo de tensionamento com o “modelo atual de desenvolvimento”, raramente nomeado como capitalismo. É assim que a “economia espiritual” apresentada pelo físico espiritualista Amit Goswami é contraposta à “economia materialista capitalista”. Notemos, de passagem, a relativa porosidade à influência de autores que transitam no campo que podemos chamar de ecoespiritualidade (SILVEIRA, 2019), incluindo a vertente *New Age*, caso de Goswami e de Fritjof Capra.

Quanto ao aspecto propositivo, a obra de Villarraga traz ao final de todos os capítulos uma lista tópica de ações práticas sugeridas, geralmente ligadas a consumo consciente, incluindo maior eficiência no uso da energia e redução do consumo de carne vermelha. Também se sugere a contribuição financeira e participação em ONGs ligadas ao desenvolvimento sustentável e o voto consciente. Um capítulo é exclusivamente dedicado à “contribuição espírita para o desenvolvimento sustentável”, apontando para três áreas de atuação: educação e mudança de comportamento, infraestrutura e ativismo social. No aspecto educacional, o tempo verbal no futuro do pretérito sugere um “puxão de orelha” às instituições espíritas: “Os centros espíritas também deveriam desenvolver atividades educativas, cursos, debates, seminários, reuniões de estudo que discutam os temas socioambientais e sua relação com a Doutrina Espírita” (VILLARRAGA, 2013, p. 121-122). A sensibilização para os problemas sociais pela participação em atividades “do tipo social humanitário” é referenciada em métodos pedagógicos sustentados por Dora Incontri, como o contágio moral, a prática moral e o diálogo (VILLARRAGA, 2013, p. 122-123). Quanto à infraestrutura, trata-se de adequar as instituições espíritas a parâmetros de sustentabilidade, como o uso eficiente de energia e o uso de papel reciclado. Finalmente, no campo do ativismo social, defende-se que o movimento espírita organizado se manifeste publicamente por meio de manifestos e cartas dirigidas a jornais, revistas, políticos e à

opinião pública em geral. Deve ser expressa “nossa preocupação com o estado atual do planeta e das injustiças sociais” (VILLARRAGA, 2013, p. 127).

O jornalista André Trigueiro, por sua vez, é autor da obra *Espiritismo e ecologia*, já em sua quarta edição, sendo a primeira publicada em 2009. Na Introdução, nos informa que começou a tratar do tema ecologia em meio espírita em 2004, a convite do orador e médium Luis Antonio Millecco para que realizasse uma palestra sobre o tema ecologia e paz.

Paz era um assunto recorrente em palestras públicas nos centros espíritas que venho frequentando desde 1987, ecologia, não. Confirmei minha suposição consultando dirigentes de casas espíritas e checando algumas listagens de temas para palestras públicas nessas instituições. Pude constatar que, na maioria absoluta dos casos, os assuntos ecológicos eram considerados periféricos ou desimportantes; quando muito, eram citados no decorrer de uma palestra que tinha como mote principal outro assunto.

Como isso estaria acontecendo, se experimentamos a maior crise ambiental da história da Humanidade? Como poderia o Espiritismo não enfrentar esse assunto tão importante e urgente com a devida clareza e objetividade? (TRIGUEIRO, 2017, p. 11-12)

No decorrer do livro, o jornalista se mostra ciente de muitos dos problemas da “visão espírita” dominante que ajudam a explicar essa desconsideração pelo problema ecológico. Para Trigueiro, as frases “a verdadeira vida é a vida espiritual” e “eu estou aqui de passagem”, frequentemente usadas entre espíritas, seriam chavões por vezes repetidos em má interpretação. Assim, essas frases seriam utilizadas para “legitimar o desinteresse, a desatenção, o completo desaparego dos assuntos terrenos”, bem como o despreço “pelos assuntos do aqui e do agora”: “Por que vou me preocupar com o aquecimento global se em breve não estarei mais aqui?” (TRIGUEIRO, 2017, p. 13-15).

Além desse “desprezo pelo mundo”, a crença na providência divina e no progresso para muitos espíritas assume uma significação mágica e absoluta. A narrativa é basicamente que o planeta Terra está evoluindo para um estágio superior, para a categoria de mundo de

regeneração e que, seja quais forem as tribulações, “Jesus está no leme”, como “governador espiritual” da Terra, ou simplesmente que Deus não “abandona” seus filhos. Com isso, “apesar de amplos e detalhados diagnósticos sobre a situação cada vez mais precária dos ecossistemas, não se percebe um senso de urgência que oriente a tomada de decisão no rumo certo” (TRIGUEIRO, 2017, p. 49).

Como Trigueiro percebe que a inação com relação aos problemas ecológicos não se deve a mera desinformação sobre o tópico, em muitas passagens há um esforço para se contrapor às concepções que emperram a mobilização espírita:

Cabe a nós identificar quais ações podemos fazer, e de que jeito, para tornar este mundo um lugar melhor e mais justo. Portanto, mesmo de passagem, há que se cuidar melhor do mundo onde estagiamos em nossa jornada evolutiva. (TRIGUEIRO, 2017, p. 15)

Noutra importante passagem, o comunicador espírita insiste para a ideia de que não existe neutralidade – a inação num cenário de crise contribui para o desequilíbrio da balança para o outro lado:

Se entendemos que as práticas sustentáveis, em seus diferentes aspectos, significam fazer o bem, não ser sustentável – ou a inação num cenário de crise global – ajuda a desequilibrar a balança para o outro lado. Se não existe neutralidade no Universo, e cada ação ou inação reverbera de maneira distinta na forma como interagimos constantemente com o cosmos, é importante que a tomada de consciência se desdobre na direção de novas ações, novas rotinas, novas escolhas em favor da vida. (TRIGUEIRO, 2017, p. 52)

No que se refere ao diagnóstico dos problemas ecológicos, registramos um forte senso de urgência, transmitindo, em especial, com volumosa informação científica, a gravíssima situação da emergência climática (TRIGUEIRO, 2017, p. 95-97) e da sexta

extinção em massa: “Está em curso nos dias atuais a sexta extinção em massa de espécies” sendo que, desta vez, “a responsabilidade é da Humanidade” (TRIGUEIRO, 2017, p. 18).

Podemos destacar também como a reflexão sobre o problema do consumo pode ser uma porta de entrada para concepções mais críticas da sociedade contemporânea, inclusive abrindo-se para um repertório sociológico, filosófico e teológico que tensiona o senso comum da neutralidade política espírita. No capítulo “Consumo consciente” apresenta-se a desigualdade do consumo global, com escassez do básico de um lado e excesso concentrado noutra ponta (TRIGUEIRO, 2017, p. 57-58). Zygmunt Bauman é então citado: “a solidariedade é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor” (TRIGUEIRO, 2017, p. 59). Na sequência, Schopenhauer é citado para mostrar o caráter de sofrimento inerente ao ciclo do desejo (TRIGUEIRO, 2017, p. 59-60). E, com isso, a reflexão culmina com uma forte crítica à publicidade na sociedade de consumo, incluindo a produção de “pacotes de frustração” especialmente graves para quem, numa sociedade desigual, se vê excluído da sociedade de consumo (TRIGUEIRO, 2017, p. 60-64).

Por fim, um especial destaque é o nome de Leonardo Boff, citado em diversas passagens, inclusive na página dos Agradecimentos, referenciado como “o mais espírita de todos os católicos” (TRIGUEIRO, 2017, p. 7). Primeiramente, o teólogo figura, junto ao físico espiritualista Fritjof Capra, como pensador que aproxima a ecologia à espiritualidade (TRIGUEIRO, 2017, p. 32). Noutra passagem, Boff aparece como contraponto ao conceito de desenvolvimento sustentável, considerando a expressão uma contradição em termos, em razão da vinculação da lógica do desenvolvimento à economia dominante (TRIGUEIRO, 2017, p. 44). E, finalmente, o teólogo da libertação²¹ é destacado no

²¹ Aqui podemos destacar como a ética do cuidado defendida por Boff tem um apelo crítico importante capaz de acrescentar ao repertório espírita uma visão crítica das narrativas dominantes acerca do progresso e do capitalismo. Para citar um exemplo, em “O homem de bem e a biodiversidade”, Vilma Mendonça (Reformador, fevereiro, 2003, p. 24-26) apresenta uma série de problemas ambientais, contrastando com o avanço científico e tecnológico decorrente de “uma evolução intelectual muito grande”, de onde conclui a necessidade de “mudar a ideologia do progresso irracional e devastador”. O desenvolvimento sustentável é defendido e referenciado em citação da obra *Saber cuidar*, de Leonardo Boff: “Sonhamos com um mundo ainda por vir, aonde não vamos mais precisar de aparelhos eletrônicos com seres virtuais para superar nossa solidão e realizar nossa essência humana de cuidado e de gentileza. Sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes se construirão ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo com os diferentes culturalmente, com os penalizados pela natureza ou pela

capítulo “Sustentabilidade como valor espiritual”, onde, dentre as ecoespiritualidades citadas, a católica ganha grande relevo, culminando com o elogio da *Laudato Si* do Papa Francisco (TRIGUEIRO, 2017, p. 79-83).

No que diz respeito às proposições práticas aos espíritas, o foco está no consumo consciente, na sustentabilidade das instituições espíritas (com orientações para a construção de biodigestores, coletores solares, telhados ecológicos etc.) e na exigência de um posicionamento firme da comunidade espírita contra o ecocídio²².

Por fim, não podemos deixar de mencionar uma dimensão política importante da figura de Trigueiro. Como jornalista de destaque na Rede Globo, suas recorrentes e contundentes críticas ambientais ao Governo Bolsonaro o posicionaram politicamente também dentro do movimento espírita, ainda que de maneira discreta. O que certamente comporta tensões, dada a resistência do espiritismo brasileiro a digerir a conflituosidade política de forma aberta e dialogada.

Conclusão

Em novembro de 2022, o Conselho Federativo Nacional da FEB aprovou o lançamento da Campanha Nacional Permanente de Conscientização Ecológica, a ser lançada próximo à Semana do Meio Ambiente em 2023. Um dos atores importantes na propulsão da virada ecológica que chega de vez ao espiritismo é o Movimento pela Ética Animal Espírita (MOVE), que já desenvolveu parcerias com a FEB, como na produção do opúsculo *Em defesa da Vida Animal. Violência, não!*

Parece haver um número crescente de eventos espíritas com alguma atenção à temática ambiental, seja em palestras, simpósios ou mesmo em grandes congressos. Embora o foco da abordagem seja normalmente sobre o indivíduo e sua reforma íntima, com considerações voltadas à mudança de hábitos cotidianos, como a redução do consumo e o correto descarte do lixo, existe um potencial de tensionamento político latente. Por vezes, pela crítica ao consumismo chega-se a considerações críticas sobre o “atual modelo

história, cuidado com os espoliados e excluídos, as crianças, os velhos, os moribundos, cuidado com as plantas, os animais, as paisagens queridas e especialmente cuidado com a nossa grande e generosa Mãe, a Terra” (Reformador, fevereiro, 2003, p. 24-25).

²² Ecocídio é a destruição em larga escala de espécies animais e vegetais do planeta Terra. Está em processo de tipificação penal como crime contra a humanidade e contra o Planeta.

econômico” e, mais raramente, nomeia-se o problema como capitalismo. Não é pouco, para um movimento espírita historicamente avesso ao enfrentamento político.

Com o agravamento crescente da crise ambiental e climática (MIGUEL, 2021), a politização do debate ecológico torna-se cada vez mais incontornável, como vimos na recente disputa eleitoral no Brasil. A despeito do avanço de uma reação progressista ao domínio do conservadorismo no espiritismo (SIGNATES, 2019; ARRIBAS, 2020; DAMÁSIO, 2020; MIGUEL, 2020; CAMURÇA, 2021 e SIGNATES e DAMÁSIO, 2021), é forte ainda a resistência ao debate político, sempre ancorada na muralha do discurso de neutralidade e de separação entre religião e política. Então, com a virada ecológica afirmando-se no espiritismo temos, com toda probabilidade, um impasse. Ou os espíritos restam marginais no debate público sobre as questões ecológicas e mantêm sua interdição à política ou assumem uma efetiva militância ecológica com a consequente politização do próprio espiritismo.

Referências Bibliográficas

- ARRIBAS, Célia. Política, gênero e sexualidade: controvérsias espíritas entre progressistas e conservadores. *Contemporânea*, v. 10, n. 2, mai./ago. 2020.
- BONNEUIL, Christophe e FRESSOZ, Jean-Baptiste. *L'événement Anthropocène : la Terre, l'histoire et nous*. Paris : Éditions du Seuil, 2016.
- CAMURÇA, Marcelo. Conservadores x progressistas no espiritismo brasileiro: tentativa de interpretação histórico-hermenêutica. *PLURAL*, São Paulo, v. 28, 2021.
- CHARBONNIER, Pierre. *Abondance et liberté : une histoire environnementale des idées politiques*. Paris: La Découverte, 2020.
- DAMASIO, João. Da caridade à cidadania em fluxos: posicionamentos espíritas nas eleições de 2018. *ComPolítica*, v. 10, n. 2, p. 135-166, 2020.
- MARQUES, Luiz. *Capitalismo e colapso ambiental*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- MIGUEL, Sinuê Neckel. Disposições políticas no espiritismo brasileiro: entre “neutralidade” conservadora e aspirações socialistas. *SÆCULUM – Revista de História*, v. 25, n. 42, p. 86-104, jan./jun. 2020.
- _____. Sem revolução, não há salvação: espiritismo, emergência climática e colapso socioambiental. In: INCONTRI, Dora; PINTO, Sergio Mauricio, (Org.). *Espiritismo, sociedade e política: projetos de transformação*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2021, p. 216-235.

- _____. Espiritismo e profecia: uma análise da dimensão política das expectativas proféticas no espiritismo brasileiro. *Revista Crítica Histórica*, v. 13, n. 25, p. 181-211, julho 2022.
- PARTRIDGE, Christopher H. *The re-enchantment of the West: alternativa spiritualities, sacralization, popular culture, and occulture*. T&T Clark International: London, 2005.
- SANTOS, Renan William dos. *A salvação agora é verde: ambientalismo e sua apropriação religiosa pela Igreja Católica*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, FFLCH, USP, São Paulo, 2017.
- _____. Entre o “cuidado da casa comum” e a “psicose ambientalista”: disputas em torno da ecoteologia católica no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 08, n. 20, p. 78-101, set./dez. 2020.
- SIGNATES, Luiz. Espiritismo e política: os tortuosos caminhos do conservadorismo religioso e suas contradições no Brasil. *Caminhos*, Goiânia, Especial, v. 17, p. 138-154, 2019.
- _____. Religião e ecologia: teoecologias no espiritualismo brasileiro. In: GONZAGA, Waldecir; MORAES, Abimar Oliveira de; CARDOSO, Maria Teresa de Freitas (orgs.). *Religião e crise socioambiental*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020.
- SIGNATES, Luiz e DAMÁSIO, João. Configurações digitais da contra hegemonia espírita: uma cartografia dos coletivos progressistas e de esquerda no espiritismo brasileiro. *Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 1, Julho de 2021.
- SILVA, André Eugênio da. Espiritismo e meio ambiente: o discurso ambientalista espírita e suas implicações. *Anais do XVII Simpósio Nacional da ABHR e II Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG*, p. 370-383, novembro de 2021.
- SILVEIRA, João Paulo. Religião e Natureza na contemporaneidade: uma introdução às ecoespiritualidades. *Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 211 – 224, jan./jun. 2019.
- TRIGUEIRO, André. *Espiritismo e ecologia*. Brasília: FEB, 2017.
- VILLARRAGA, Carlos Orlando. *Espiritismo e desenvolvimento sustentável: caminhos para a sustentabilidade*. Brasília: FEB, 2013.
- WHITE Jr., Lynn. The Historical Roots of Our Ecological Crisis. *Science*, n. 155, p. 1023-1207, 1967.